

ANTROPOLOGIA, EDUCAÇÃO E RITUAIS: UM DIÁLOGO RESENHA DO ARTIGO “CHOICE AND ACCESS TO THE BEST SCHOOLS OF RIO DE JANEIRO: A RITE OF PASSAGE”, DE RODRIGO ROSISTOLATO

ROSILAINE PEREIRA ¹

Resumo: “Escolha e acesso às melhores escolas do Rio de Janeiro: Um rito de passagem”, de Rosistolato (2015), se propõe a pensar fenômenos educacionais a partir da teoria antropológica clássica dos rituais. Para isso, o autor investiga os eventos de “remanejamento” e “realocação” entre o primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental, em escolas públicas das Zonas Norte e Sul da cidade do Rio de Janeiro, como um ritual de passagem que envolve não apenas questões de burocracia escolar, que automaticamente executaria essas práticas com esses estudantes, mas, também, critérios que vão além do que está explícito dentro do mecanismo escolar. Além disso, Rosistolato cria a categoria de “rituais de boa escola”, que seriam rituais em que as famílias das crianças praticam ações que envolvem funcionários do estado a fim de fazer com que seus filhos sejam “realocados” e “remanejados” para as melhores escolas da cidade. Os achados desta pesquisa demonstram que há estigmatização de estudante, pois estudantes considerados “bons” são transferidos para escolas, também, “boas”, e os estudantes com baixo desempenho vão para escolas com baixo prestígio.

Palavras-chave: Rituais Escolares; Antropologia da Educação; Realocação; Remanejamento.

O artigo “Escolha e acesso às melhores escolas do Rio de Janeiro: Um rito de passagem”² é um texto escrito pelo antropólogo Rodrigo Rosistolato. O autor petropolitano³ teve toda sua formação acadêmica na cidade do Rio de Janeiro, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, desde 2009, é professor da Faculdade de Educação da mesma

1 Pedagoga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). À época do envio do texto, a autora ainda não tinha ingressado na pós-graduação. Contato: pereirasrosilaine@gmail.com

2 Visto que o artigo original, publicado em 2015, na revista Vibrant, está escrito em inglês, a tradução executada para o desenvolvimento deste trabalho foi feita de maneira livre.

3 Petrópolis é um pequeno município serrano localizado no estado do Rio de Janeiro.

universidade, ministrando disciplinas – na Graduação e na Pós-Graduação – e desenvolvendo pesquisas na interseção entre Antropologia e Educação.

O texto aqui resenhado tem como objetivo refletir sobre a forma como os estudantes do ensino fundamental de escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro são “remanejados” ou “realocados” para escolas consideradas com baixo e alto níveis, em ritos que envolvem desde os familiares aos funcionários públicos. A obra é dividida nas seções: “Introdução”, “Casos Que Não São Casos”, “Preparação Para o Ritual”, “O Ritual” – que é subdividido em “Ritos Preliminares”, “O Lugar da ‘Pessoa’ No Ritual” e “O Lugar do ‘Indivíduo’ No Ritual” –, “Ritos Liminares”, “Ritos Pós-Liminares” – subdividido em “Felipo e Sua Linha-Direta Com o Vice-Diretor” e “Marina e a Querida Funcionária”, que demonstram a coexistência entre regras formais e estratégias individuais de acesso às escolas no Rio de Janeiro – e, por fim, a “Conclusão”.

Entre o final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, McLaren já afirmava que os rituais escolares, embora sejam de grande contribuição para compreender os fenômenos sociais, são pouco abordados dentro dos estudos no campo educacional. Rosistolato (2015) traz uma perspectiva interdisciplinar quando pensa a categoria antropológica de “ritual” (Gennep, 2013) com ritos do campo escolar (McLaren, 1999), ao refletir sobre “realocação” e “remanejamento” de estudantes do ensino fundamental I para o ensino fundamental II.

O autor começa o texto fazendo um exercício de interação com o leitor⁴, pedindo que se imagine no lugar de um responsável por um menor de idade, que precisa colocar sua criança no sistema público de ensino, em que o responsável precisa escolher uma das 1.008 escolas existentes na cidade. Ele afirma que alguns princípios são levados em consideração nessa escolha, como a distância entre a escola e o local de residência das famílias. Então, o autor demonstra que essa escolha leva em consideração aspectos como o background do parentesco do estudante e do que o autor está chamando de “redes de solidariedade”, que vão atuar como uma espécie de ponte entre os familiares e a gestão escolar.

Os locais em que as pesquisas foram realizadas, na Zona Norte e na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, foram escolhidos por sua multiplicidade socioeconômica e suas diferenças em performance escolar entre os estudantes. Rosistolato traz dados sobre o sistema brasileiro de ensino básico, explicando que são dois: o público e o privado, sendo os dois fiscalizados pelo Ministério da Educação, demonstrando, em consonância, algumas características próprias de ambos, como organização, atendimento e financiamento. Além disso, traz algumas características específicas do ensino público do Rio de Janeiro, que não requer proximidade entre a escola e o local de moradia, diferente do que acontece em outras cidades brasileiras.

Começa o debate sobre “reputação escolar”, afirmando que a “reputação” e a “performance” da escola são categorias convergentes, pois, de acordo com o que foi analisado, escolas com boas

4 Em diálogo com o “imagine-se” de Malinowski (2019).

performances têm, também, boas reputações. Analisa elementos de pesquisas anteriores, em que fora perguntado às famílias o que elas entendiam como uma “boa escola”, e as famílias não pensavam em questões sobre, por exemplo, notas das escolas em avaliações nacionais. Apesar disso, traziam, como aspectos positivos, a organização (limpeza do local, professores que não faltam) e ordem moral (uma escola capaz de disciplinar os estudantes). Outro aspecto que se observou foi que, dependendo do horário em que os pesquisadores estivessem em campo, como no turno da tarde, por exemplo, os atores escolares consideravam os alunos como “favelados”.

Desse modo, ao analisar a “reputação” das escolas, o autor pretendeu analisar dois movimentos: A organização/bagunça, limpeza/sujeira, disciplina/falta de disciplina; e a existência de “favelados”/“não favelados”. Enfatiza, ainda, que existe uma percepção clara das famílias de que existem escolas melhores e que para consegui-las são necessárias certas estratégias, por seu nível de competição para posse de matrículas nesses estabelecimentos.

O autor traça um caminho para observar o acesso e a matrícula nessas escolas: Informações sobre regulamentos administrativos e mapeamento do ponto de vista das pessoas que estão diretamente ligadas à situação social. Além disso, o foco da pesquisa eram famílias que precisavam mudar seus filhos de escolas, em 2013. Para encontrar essas famílias, utilizaram a divisão topográfica desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação, para tentar contato com essas famílias, para depois ir a campo analisar o “ritual de passagem”.

O que o autor está chamando de “ritual de passagem”, são fenômenos conhecidos como “remanejamento” ou “realocação”, em que estudantes que estavam no primeiro nível do ensino fundamental precisavam fazer a mudança para o segundo nível de ensino, porque essas escolas só ofereciam o primeiro segmento. Em tese, essa mudança seria apenas burocrática, entretanto, o autor nos mostra a convergência desse exercício com um ato ritualístico, porque, como há diferenças existentes entre as escolas e as administrações escolares se sentiam “autônomas” e não pertencentes a um sistema educacional, definiam seus próprios critérios de seleção, tornando, assim, um sistema educacional que separa os estudantes para escolas de baixo, médio e alto desempenho, só que tudo isso envolvia um ritual de estratégias as mais diversas que não estavam associados à burocracia escolar de modo estrito.

Consonante a isso, o estudo de rituais, segundo Arnold van Gennep, são constituídos a partir dos rituais de passagem, sendo todos esses ritos separados pelas fases preliminar, liminar e pós-liminar que, segundo o autor, seriam fases universais para a compreensão dos estudos rituais. Em convergência com o debate proposto pela teoria clássica antropológica, Rosistolato está entendendo essa fase de mudança de ciclo – entre o fundamental I e fundamental II – como uma ação ritualística em que ocorrem diversas mudanças: as professoras deixam de ser “tias”, não há mais filas, entre outros aspectos simbólicos que compõe essa passagem. Além disso, o autor faz um estudo minucioso que explica a participação dos responsáveis pelas crianças nas fases preliminar e pós-liminar, sendo a fase preliminar composta apenas pela gestão escolar.

Outro fato curioso que o autor chama atenção é o diálogo existente entre as famílias e os gestores educacionais. Diferentes famílias podem trazer as mesmas questões para a gestão sobre vagas na escola, entretanto, as respostas dadas podiam ser diferentes, dependendo da visão que os gestores tinham sobre essas famílias. Dessa forma, havia excepcionalidade nessa prática.

Além disso, o autor cunha a categoria de “rituais de boa escola” que, em síntese, significa que existem estudantes que fazem a mudança de ciclo escolar da maneira mais burocrática possível. Outros, entretanto, utilizam outras possibilidades, ao passar pelo ritual de passagem, entre o primeiro e o segundo ciclo do ensino fundamental, para conseguir uma vaga nas “boas escolas”. Por haver excepcionalidade da gestão escolar nas escolhas de quais alunos vão para determinadas escolas, entende-se que “bons alunos” vão para escolas consideradas, também, como “boas”, estigmatizando, assim, estudantes considerados “ruins”, que vão para escolas de baixa reputação.

Fazendo uma conexão entre esse trabalho, de 2015, e os trabalhos posteriores do autor, percebe-se que a obra foi um importante caminho para as pesquisas atuais do pesquisador, que têm trabalhado as desigualdades educacionais através do conceito de “estigma” do etnógrafo Erving Goffman. Embora o autor e o conceito não tenham sido usados nesta obra específica, percebe-se, a partir dessa obra resenhada, um novo caminho nas investigações do pesquisador.

Em síntese, o artigo demonstra que as famílias fazem uso de seu capital social e cultural nas negociações com as instituições escolares. O uso das categorias como “indivíduo” e “pessoa” utilizados pelo autor para se referir às negociações entre as famílias e à burocracia escolar, tem como base o conceito de DaMatta (1985), que diz que as interações entre o estado e os brasileiros não tomam a categoria “indivíduos” (que segue leis aplicadas para todos os cidadãos), mas “pessoas” e seus grupos de parentesco e amigos; fazendo uso, assim, das relações sociais pessoais para conseguir algo que, em tese, deveria ser garantido a todos, que é uma educação pública, gratuita e de qualidade.

À guisa de concluir, o artigo é um material contributivo tanto para estudantes da Educação que têm interesses em políticas públicas educacionais, metodologia de pesquisa em educação e desigualdades educacionais, mas também para estudantes do campo das Ciências Sociais que têm interesses em pesquisas etnográficas em educação, rituais e cultura escolar. É um texto que, embora esteja escrito em inglês, tem uma leitura fluída e que nos ajuda a pensar conceitos antropológicos e educacionais de maneira primorosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélogos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MCLAREN, Peter. *Schooling as a ritual performance: Toward a political economy of educational symbols and gestures*. Rowman & Littlefield, 1999.

ROSISTOLATO, Rodrigo. Choice and access to the best schools of Rio de Janeiro: a rite of passage. *Vibrant*, v. 12, n. 2, p. 380-416, 2015.